



António Reis*

“Assinar a Seara era uma espécie de filiação na resistência”

SEARA NOVA Entrei na redacção da Seara Nova precisamente nos finais dos anos sessenta, na sequência da inovadora campanha eleitoral de 69, e na qual participara como candidato a deputado da CDE pelo círculo de Santarém, ao lado de Maria Barroso, Alexandre Cabral e Lino Neto, entre outros. Tinha 21 anos, a experiência de um ano académico fértil em agitação estudantil, uma breve passagem pelo “Tempo e o Modo” do João Bénard da Costa, a que a súbita invasão de insuportáveis maoistas rapidamente pusera cobro, e sobretudo uma enorme confiança na arma da crítica, à qual, menos de cinco anos depois, teria o privilégio de juntar a crítica das armas na madrugada do 25 de Abril em que participei como oficial miliciano.

Entrar na Seara Nova nesta altura representava já uma escolha de campo nas hostes de quem se opunha activamente à ditadura e dentro da própria esquerda. Quando o fascínio das ideologias de extrema-esquerda alastrava no meio estudantil e conseguia penetrar no próprio “Tempo e o Modo”, ir para a Seara representava uma clara demarcação relativamente a tais ideologias e um alinhamento na estratégia clássica da unidade oposicionista na órbita de um Partido Comunista que se respeitava e admirava.

A Seara permitia-me conjugar a vontade de intervenção política com a liberdade de pensamento no seio da esquerda, a proximidade do PCP com a distância crítica e a desconfiança dos sectarismos, que já me levava a afastar do “Tempo e o Modo”, o diálogo entre várias sensibilidades da esquerda não maoista com a convivência com gente das artes e da cultura. Ao mesmo tempo, experimentava a reconfortante sensação de me inserir numa tradição histórica progressista representada pelos quase cinquenta anos da revista, com os seus vultos prestigiados, cujo pensamento comecei a descobrir praticamente só a

partir dessa altura.

De certa maneira, a minha entrada para a Seara contribuiu decisivamente para estruturar o meu pensamento de esquerda numa linha socialista democrática, procurando combinar a radicalidade alternativa do marxismo com o respeito das liberdades, e para definir um método de intervenção baseado no diálogo e no anti-sectarismo.

A Seara Nova era uma bandeira de esperança em tempos de ausência de oportunidades de luta aberta contra a ditadura. Dotada já então de uma base administrativa mínima, a revista saía regularmente no princípio de cada mês, apesar das crónicas dificuldades financeiras, e a partir de 1970 aumentou mesmo o número de páginas para 48. Jogava-se então no aproveitamento de todas as possibilidades da mini-abertura inicial do marcelismo, procurando explorar as suas contradições internas e tentando escrever sobre temas até então tabus, nomeada-mente no próprio domínio da proble-mática ideológica do marxismo.

Os debates na Assembleia Nacional entre salazaristas e liberais ou entre “africanos” e “europeus” alimentavam a nossa veia crítica e permitiam a necessária demarcação da alternativa que representávamos. Os meus primeiros artigos foram fruto precisamente dessas tensões, que pacientemente analisava com mais ou menos cortes de uma censura sempre imprevisível nos seus humores. As questões ideológicas não deixavam, porém, de marcar a sua presença e ainda hoje evoco com alguma nostalgia a polémica que mantive com o Vital Moreira a propósito de Marx e Marcuse. O novo ambiente político e algum sangue novo injectado na revista permitiriam então que, na viragem dos anos sessenta para os anos setenta, a Seara Nova conhecesse uma notória melhoria qualitativa e significativos aumentos da tiragem e do número de assinantes. Em 1974 a revista tirava já trinta mil exemplares e tinha

dezoito mil assinantes, números impressionantes e nunca antes ou depois atingidos por qualquer revista do género! Creio que nesses cinco anos praticamente duplicámos a tiragem... Assinar a Seara Nova era então uma espécie de acto de filiação na resistência à ditadura e de adesão a uma atitude de esquerda, independentemente dos seus cambiantes internos. Mas às vezes tínhamos gratas surpresas, como quando tomámos conhecimento, creio que em meados de 72, que o general Spínola ou o comando-chefe das Forças Armadas na Guiné solicitava uma assinatura da revista! Sinais dos tempos que se viviam e dos tempos que viriam...

Ao mesmo tempo, o departamento editorial adquiria uma dimensão importante com a publicação de uma média de três novos livros por mês, com tiragens também significativas graças ao enorme corpo de assinantes. Creio que a “Antologia da Seara Nova”, de 1921 a 1926, que o Sottomayor Cardia organizou e prefaciou por ocasião do cinquentenário da revista, atingiu os dez mil exemplares. A reedição das “Páginas de Política”, do Raúl Proença, foi outro êxito. E os colóquios que entre 71 e 72 organizámos em todo o país com a exposição itinerante da história da Seara foram bastante concorridos, transformando-se frequentemente em mini-comícios oposicionistas.

Pelo meio de tudo isto, sucediam-se com alguma regularidade as visitas da PIDE para apreender livros, nomeadamente um do Cardia que crucificava com ácida ironia o regime e defendia a alternativa de uma democracia anticapitalista. Felizmente já fora largamente distribuído, até para a Guiné, já que o então capitão Matos Gomes lá fora buscar cinquenta exemplares...

E dizer que toda esta actividade repousava sobre uma redacção profissionalizada de três pessoas a meio tempo — o Cardia, o Fernando Correia e eu próprio —, dois ou três administradores que lá iam à saída dos respectivos empregos, um conselho de redacção que reunia às





Aquilino Ribeiro Machado*

“Uma referência que se manteve”



Regressando do fundo do tempo, estou a ver o boletineiro, que na quieta e adormecida Cruz Quebrada de outrora, percorria a Rua Sacadura Cabral a distribuir correspondência, deixando todos os dias, na caixa de folha do portão nº 105, onde morávamos, entre cartas e postais de toda a espécie, o número sacramental da República, dobrado em harmónio que uma faixa de papel cinturava, e, de quando em quando, com uma periodicidade a oscilar entre o caprichoso e o boémio, espartilhada num envelope de papel pardo, o último número da Seara Nova.

Enquanto o jornal se ecoava com bastante rapidez da vista de toda a gente, a revista arrastava-se, por cima de mesas e cadeiras, semanas seguidas. A imagem da espiga de trigo, que encimava a página de rosto daqueles remotos exemplares, esquecidos pelos recessos da biblioteca, foi uma presença repetida, que integrou, para mim, boa parte da ambiência em que

me fiz gente. Quando chegou a vez de pôr o pião de lado é começar a abrir o quer que fosse, que à minha volta tivesse letra impressa, redescobri nos textos do Câmara Reis, do José Bacelar, do Lopes Graça e de tantos outros, uma nova face das pessoas que conhecia da Brasileira ou da porta da Bertrand, onde meu pai começara a levar-me, ainda andava eu de calção curto.

Não era costume, lá de casa, guardar as revistas mais do que o tempo útil de leitura. Foi por isso, com alguma surpresa, que um dia, ao visitar o Dr. Carlos Olavo, na sua residência de férias em Oliveirinha, descobri no escritório onde ele arrumava os livros e ocupando diversas prateleiras de uma estante, a colecção completa da Seara. Que impressionante amontoado de escrita, de todo o género, não deveria estar ali reunida?

Anos volvidos, depois de ter integrado, pela mão hospitaleira do Rogério Fernandes, o grupo de mosqueteiros que se empenhavam, contra os ventos e marés da

censura e as sistemáticas descon-fianças do regime, na feitura de uma revista em que, através da metáfora e do duplo sentido, se procurava transmitir aos leitores uma mensagem de resistência e esperança, tomei conhecimento mais aprofundado do extraordinário percurso, através das sendas da literatura, da crítica, do ensaio e da pedagogia cívica, que aqueles números, entrevistos no recolhimento do Dr. Carlos Olavo, efectivamente representavam.

Neles se podia ler, como nos troncos das sequóias, os avatares do clima político, transcorrido durante décadas sucessivas, pelo país. Os primeiros círculos, seguramente os mais espessos, correspondiam aos anos iniciais, em que o grupo fundador da Seara, na linha do grupo menos orgânico da Biblioteca, procurara reabilitar, no plano da racionalidade e do rigor, a intervenção cívica dos intelectuais na vida política portuguesa. Os círculos restantes tenderam sucessivamente a ficar cada vez mais magros, apresentando

segundas-feiras, presidido primeiro pelo Abelaira e depois pelo Professor Rodrigues Lapa, e meia dúzia de funcionários administrativos!

Nesta época, porém, a Seara foi internamente percorrida pelas tensões que já se adivinhavam entre as duas grandes correntes da esquerda – a socialista democrática e a comunista –, apesar de a primeira só se ter afirmado partidariamente a partir de 73. Foi um tempo de dissidências comunistas e distanciamentos de *compagnons de route*, de convergências com a tradição socialista da ASP no novo PS, de tentativa de coexistência de socialistas independentes como o Abelaira, o Nuno Brederode Santos, o Luís Salgado de Matos, com comunistas e socialistas do PS. Um dos sinais deste novo tempo foi a polémica travada entre Cardia e Pedro Ramos de Almeida (com o pseudónimo

de M. J. A. Teixeira) a propósito de um livro de L. Gruppi, um comunista italiano, sobre o pensamento de Lênine (Ulianov para a censura...). Foi um terçar de armas entre a heterodoxia e a ortodoxia marxista... Com o aproximar do 25 de Abril, as tensões entre comunistas e não comunistas foram-se agravando. As consequências viram-se depois do 25 de Abril. A revista, que se tornara um espaço de debate no seio da esquerda, sectarizou-se na órbita comunista, perdeu a maior parte dos seus leitores e assinantes e desapareceu durante anos.

Apesar disso, a Seara dos anos sessenta e dos anos setenta até à Revolução ficará na história como um exemplo de criatividade, de combatividade, de diálogo e de pujança política e ideológica. Nela foi possível aliar o combate à ditadura à assunção das diferenças internas no seio da oposição e da esquerda. Por ela foi possível mostrar

a muitos portugueses que a alternativa existia. A Seara acabou por ser um símbolo e uma senha.

De tal forma que quando o nosso número de Setembro de 73 (por acaso o primeiro que tive de paginar sozinho) apareceu com uma fotografia do Templo de Diana na capa, logo houve quem aí visse sinais de uma cumplicidade com os capitães que a 9 desse mês se reuniam pela primeira vez nas proximidades de Évora (e no entanto fora uma simples coincidência, já que publicávamos um artigo sobre o subdesenvolvimento do interior do país). E quando entrei para a tropa no mês seguinte, em breve era referenciado pela jovem oficialidade ligada ao Movimento dos Capitães como o “cadete da Seara”. O que me veio a dar feliz oportunidade de aliar às armas da crítica a crítica das armas....■

* Deputado do PS e antigo seareiro

